

**O embate de sentidos nas
enunciações que referem o Papa Bento XVI**

(The conflict of meaning in enunciation which
refers to the Pope Benedicto XVI)

Essiane Lemos Leal SENA*

Edvania Gomes da SILVA**

Maria da Conceição FONSECA-SILVA***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

RESUMO

Este trabalho estuda a designação como processo de identificação social, com base nos pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento. Para tanto, analisam-se as designações que referem o papa Bento XVI, quando este foi eleito pelo conclave da Igreja Católica no final de abril de 2005. As análises mostraram que as designações, ao funcionarem no presente do acontecimento, recortam um memorável, mobilizando dizeres e sentidos outros e, conseqüentemente, identificam e referem uma pessoa em um determinado acontecimento, particularizando-a como sujeito.

* Sobre a autora ver página 104

** Sobre a autora ver página 105

*** Sobre a autora ver página 105 e 106

PALAVRAS-CHAVE

Acontecimento. Semântica. Temporalidade.

ABSTRACT

This paper analyses the designation as a process of a social identification, based in theory of the Semantics of Enunciation. To do so, the designation analyzed are there which relate to the actual Pope Benedicto XVI, on that moment when he was elected by the conclave of the Catholic Church, by the end of April, 2005. The analyses demonstrated that these designation, when functioning in the present the moment of the event, retake another memorable one, mobilizing sayings and other meanings and, in a consequence, identify and relate to a person in a certain event, distinguishing him as the subject.

KEYWORDS

Enunciation. Semantics. Time.

1 Introdução

O objetivo deste estudo é analisar a designação como processo de identificação social, verificando como se dá o processo de constituição de sentido. Trata-se, mais precisamente, de analisar as designações que referem o papa Bento XVI, quando este foi eleito como tal pelo conclave da Igreja Católica no final de abril de 2005.

Para tanto, adotaremos como base teórica a Semântica do Acontecimento, postulada por Guimarães (1995, 1998, 1999b, 2005) e conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, já que, como afirma Guimarães (2005, p. 8), a Semântica do Acontecimento “(...) mantém também um diálogo decisivo com a Análise de Discurso tal como a praticada no Brasil”.

O *corpus* do trabalho é composto por oito seqüências de recortes de reportagens veiculadas pelas revistas *Veja* e *Isto É*, do final de abril de 2005, época em que Joseph Ratzinger foi eleito Papa da Igreja Católica, passando a chamar-se Bento XVI. As seqüências serão analisadas como um texto, e os modos de referir o Papa como integrantes do texto.

É importante salientar que os modos de referir e as relações configuradas por eles se distinguem dos procedimentos de coesão textual. Aqui, a referência não retoma ou substitui, mas reescreve, mobiliza e reconstitui sentidos do espaço da memória. Além disso, cada referência é única e mobiliza um sentido que lhe é indissociável, não cabendo, pois, esse mesmo sentido a outra referência. Assim, o sentido se faz como diferença, logo, o sentido para um modo de referir é sempre diferente de outro.

2 Sobre a semântica do acontecimento

O termo **semântica** tem várias acepções. Para a Linguística, ela é a ciência das significações e as unidades de análise dessa ciência são a sentença e o enunciado, seu objeto de estudo é a significação, sendo possível estudar o significado a partir de diferentes perspectivas teóricas. Uma dessas perspectivas é a Semântica do Acontecimento. Formulada por Eduardo Guimarães, ela se filia a Bréal, Benveniste e Ducrot, além de manter um diálogo direto com a Análise do Discurso de Linha Francesa (GUIMARÃES, 2005, p. 85).

Na Semântica do Acontecimento, Guimarães postula que não é possível saber como uma forma faz sentido sem considerar que ela passa pelo enunciado e, sobretudo, pelo texto. Além disso, é necessário que se considere que o enunciado é histórico, sendo, portanto, uma prática política.

A questão para Guimarães é como estudar o funcionamento da língua, o enunciado, sem remeter isso a uma centralidade do sujeito, ou seja, a um locutor. Refletindo sobre esse aspecto, ele chega à conclusão de que não é o sujeito que enuncia, mas é a linguagem que toma o sujeito em um determinado lugar de enunciação. Assim, *enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico* (GUIMARÃES, 2005, p. 11).

Tendo em vista o exposto, Guimarães dá base à sua teoria recorrendo a diversas noções, tais como as de “político” e a de

“temporalidade enunciativa”. Estes temas são de suma importância para a constituição da teoria.

Para Guimarães (2002), o político é o fundamento das relações sociais; *é a contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação dos que não estão incluídos*. Essa ideia nos reporta à noção de linguagem como prática política, já que o espaço da enunciação será sempre um espaço de lutas pelo dizer, mas regulamentado pelas políticas linguísticas. Além disso, esses espaços são formados por divisões, sendo a primeira referente à determinação dos falantes de uma língua que, para Guimarães (2002), também é uma categoria linguística e, portanto, enunciativa.

Como propõe Nascimento (2004), *são as divisões e redivisões que constituem os espaços de enunciação que identificam os sujeitos*, uma vez que, segundo Guimarães (2005, p. 21):

(...) estar identificado pela divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutores e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros.

Relativamente a essa noção, Guimarães (2005, p. 11-12) traz para a reflexão a noção de temporalidade enunciativa. Para ele, acontecimento não é um fato ocorrido no tempo; é o acontecimento que temporaliza. Sendo assim, ele não é constituído a partir de um EU em uma linha de sucessividade, mas é a temporalidade que toma o sujeito. Logo, esse tempo não é o tempo do *ego*, mas da linguagem.

Ainda segundo o autor, todo acontecimento só nasce e significa porque projeta um futuro e ao mesmo tempo reporta a um passado que lhe faz significar, dando condições para que o presente e o futuro existam. O passado, no entanto, não é uma lembrança de fatos anteriores, mas uma rememoração de enunciações; assim como o futuro não é um depois, mas uma “latência de futuro” que no acontecimento projeta sentido, indicando o porquê de o acontecimento recortar um passado como memorável. Assim, é o acontecimento na cena enunciativa que

forma o tempo. E o sujeito é transferido para essa temporalidade, tomado por ela e passa a existir a partir dela.

Tendo em vista que é a temporalidade enunciativa que toma o sujeito na linguagem numa temporalização circulante entre o passado, o presente e o futuro, conclui-se que a linguagem é, sobretudo, uma prática política. Logo, pelo exposto, fica claro que a cena enunciativa é constituída por específicos modos de acesso à palavra, uma vez que há embates entre as figuras enunciativas e as formas linguísticas.

3 A referência e a designação

A Semântica do Acontecimento traz uma outra visão sobre a questão da designação e da referência. Segundo Nascimento (2004), Guimarães faz uma distinção crucial entre designar e referir. Para ele, referir é particularizar um objeto no mundo, no espaço de uma enunciação específica; já a designação é aquilo que ocorre no presente do acontecimento, recortando um memorável e fazendo funcionar a referência. Entretanto, é o acontecimento, ao rememorar a temporalidade que lhe é imanente, que nomeia e refere, particularizando um sujeito. Dessa forma, referir e designar estão em um processo de tensão em que um determina o outro e isso acontece no funcionamento da língua, no confronto de dizeres e sentidos diversos.

Como afirma Guimarães (*apud* NASCIMENTO, 2004), o funcionamento da linguagem é formado por acontecimentos enunciativos que fazem nascer as cenas enunciativas (modos específicos de acesso à palavra) que regulam as falas dos sujeitos, regulando também o direito de dizer. É assim que Guimarães (2002) postula que tudo não será nem poderá ser dito ou significado.

4 Análise e discussão do *corpus*

O objeto de análise é constituído de designações que significam pessoa e o *corpus* é constituído por designações recorrentes em

enunciações que aparecem em textos das revistas *Veja* e *Isto É*, publicações de circulação nacional. Os textos foram publicados em Abril de 2005, logo após o resultado do conclave que elegeu o novo papa da Igreja Católica. Eles abordam, portanto, todo o processo de eleição do Papa, bem como os elementos principais da vida social do escolhido.

Os recortes e as respectivas análises são apresentados a seguir:

A revista *Veja*

[1] Num ponto qualquer entre as alcunhas pejorativas que lhe foram aplicadas nos jornais e a maneira modesta como se referiu a si próprio, depois do anúncio público de que ele havia sido eleito o **265º pontífice da igreja católica**, encontra-se a verdade sobre o **cardeal Joseph Ratzinger**, agora papa Bento XVI. (*Veja*, 27 de abril de 2005) (grifos nossos).

[2] (...) Mas Ratzinger, na juventude **um reformista empedernido**, integrante do grupo apelidado de “Teenagers do Concílio”, é de uma sinceridade e uma objetividade bem acima da média clerical, qualidades que sempre ficaram evidentes ao longo dos 23 anos em que permaneceu à frente da Congregação para a Doutrina da Fé. (*Veja*, 27 de abril de 2005).

[3] **Adversário ferrenho da nivelção da fé católica às demais religiões**, ele lutava contra os seus próprios instintos quando João Paulo II encasquetava de promover encontros com líderes de outras crenças. Nesse aspecto, reconheça-se, **era um soldado**. (*Veja*, 27 de abril de 2005) (grifos nossos.)

Nos recortes de 1 a 3, ao referir e predicar o papa Bento XVI por *cardeal Joseph Ratzinger*, *reformista empedernido*, *adversário ferrenho da nivelção da fé católica às demais religiões* e *soldado*, rememoram-se dizeres e sentidos referindo essas posições de sujeito a esse determinado acontecimento. Além disso, essas referências se apresentam como a designação do nome próprio Bento XVI, ou seja, o nome próprio designa algo que é papa e tudo o mais que se designa pelas expressões anteriores; ele é tudo o que

as designações referem e, além disso, é papa. Tais referências ao designá-lo, marcam a sua condição passada, construindo, assim, a significação por meio das designações.

O responsável por essas designações é o locutor-jornalista. É ele também quem constitui a cena enunciativa dos recortes. Assim, nesse jogo de dizer, é ele o autorizado a falar e, sobretudo, a designar o papa Bento XVI. E, apesar de a enunciação conferir a ilusão de que o locutor está fora da história, esta, ao afetar a enunciação, permite-lhe a existência.

Em [1], a reescritura de Bento XVI por **265° pontífice da igreja católica** traz à tona a memória de dizer referente a todos os outros papas que passaram pelo trono de São Pedro, não como lembrança ou recordação de fatos anteriores, mas como uma rememoração de enunciações, ou seja, o passado se dá como parte de uma nova temporalização. O mesmo ocorre em [2]. Nesse caso, a reescritura de Joseph Ratzinger por **reformista empedernido**, rememora um passado social do cardeal, remetendo à sua adolescência, quando ele defendia insistentemente reformas no interior da Igreja Católica.

Já em [3], a reescritura de Bento XVI por **soldado** rememora a condição passada do papa, quando ele serviu ao exército de Hitler como soldado na primeira guerra mundial. Mesmo sendo um predicativo, colocado em um outro lugar, o termo “soldado” traz à tona, através da memória do dizer, toda uma carga semântica do lugar anterior, pois aqui “soldado” quer dizer: duro, intransigente, ortodoxo e, sobretudo, separatista, pois é um *adversário ferrenho da nivelção da fé católica às demais religiões*. Dessa forma, confere-se ao adjetivo “soldado” uma carga semântica negativa.

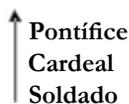
Essas significações estão afetadas pelo lugar de um enunciador individual: o dizer do locutor-jornalista, que constrói o presente do acontecimento – *o cardeal Joseph Ratzinger, reformista empedernido, adversário ferrenho da nivelção da fé católica às demais religiões e soldado* passa a ser o papa Bento XVI. Essas significações são trazidas ao enunciado pela mobilização do presente do acontecimento de uma memória de sentidos, marcando, assim, a história social dos sujeitos.

Os recortes põem em funcionamento um processo de reescrituração que coloca em atividade uma relação de substituição, fazendo com que todos os modos de referir sejam tomados em um jogo de designações que torna possível a designação específica, sua significação e a identificação social do sujeito a que cada expressão refere.

Bento XVI é o modo de redizer Cardeal Joseph Ratzinger, Cardeal Joseph Ratzinger é o modo de redizer reformista empedernido e, assim, sucessivamente, trazendo para o enunciado, através da temporalização, todos os tempos da linguagem em uma memória de sentidos circulante. Nesse sentido, essas expressões reportam ao passado do atual pontífice, construindo o presente do acontecimento e projetando o futuro (latência de futuro), fazendo a designação significar; dando condições para que o presente exista.

Nota-se que há uma semelhança entre os modos de referir e os mecanismos de substituição. Entretanto, fica evidente que não há mera correspondência entre eles, visto que, como aponta Nascimento (2004, p. 53), “o funcionamento das designações e do recorte de uma temporalidade específica de cada acontecimento permitem significar essa correspondência na relação integrativa, mas mostra, sobretudo, que o sentido se faz como diferença”.

É importante notar, ainda, que as significações recortadas mobilizam dizeres referentes à trajetória de vida profissional de Bento XVI, e o movimento de dizeres e sentidos se constitui na relação de outros dizeres e sentidos rememorados, concluindo a representação de um espaço dividido e hierarquizado de atividades profissionais e produzindo uma política de dizer também hierarquizada como é possível observar abaixo:



Essa relação hierarquizada se constitui porque mobiliza uma memória de sentidos que representa a divisão hierárquica de poder.

Nessa perspectiva, para ser papa é mais importante ser cardeal do que ser soldado.

Passemos agora aos recortes da revista *Isto É*. Esta revista, como veremos na análise, traz uma diferença fundamental no modo de reescrever o nome próprio do papa.

A revista *Isto É*

[4] (...) aos 78 anos, o **ex-decano dos cardeais e ex-guardião da fé** chega ao trono se São Pedro como **sucessor de João Paulo II**, de quem foi fiel colaborador. (*Isto É*, 27 de abril de 2005) (grifos nossos).

[5] Apontado como **um dos maiores teólogos da atualidade**, ele jamais mascarou suas posições, nem hesitou em fazer uso do pulso forte, como na época em que enquadrou a Teologia da Libertação na América Latina. Dos anos 80 para cá, vem se apegando cada vez mais aos dogmas. (...) Na missa que antecedeu a primeira votação do conclave, **o ex-prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé** jogou por terra a possibilidade de os católicos escolherem as regras que desejam seguir na religião (...). (*Isto É*, 27 de abril de 2005) (grifos nossos).

[6] Apesar da ortodoxia, muitos alunos se recordam com carinho e simpatia do **ex-professor de teologia** (*Isto É*, 27 de abril de 2005) (grifos nossos).

[7] Muitas vezes chamado maldosamente de **“policial da fé”**, **o brilhante teólogo** sempre defendeu com palavras claras conceitos frequentemente polêmicos (...) (*Isto É*, 27 de abril de 2005) (grifos nossos).

Analisando os recortes de [5] a [8], verificamos que as referências mobilizam memórias de dizer e de sentidos mais ou menos iguais àquelas mobilizadas pelos recortes da revista *Veja*. Uma memória de sentido recorrente é a que categoriza Joseph Ratzinger como um homem de pulso forte, ortodoxo e decano, ou seja, conservador, já que o *ex-prefeito*

da Congregação para a Doutrina da Fé jamais mascarou suas posições, nem hesitou em fazer uso do pulso forte, como na época em que enquadrou a Teologia da Libertação na América Latina, e dos anos 80 para cá, vem se apegando cada vez mais aos dogmas (...) jogou por terra a possibilidade de os católicos escolherem as regras que desejam seguir na religião.

Entretanto, esse conservadorismo, diferentemente do apresentado na revista *Veja*, não é visto como totalmente negativo, uma vez que há a apresentação de estratos dos recortes que amenizam essa expressão, pois o sucessor de João Paulo II, o papa Bento XVI, lhe foi *um fiel colaborador, muitos alunos se recordam dele com carinho e simpatia, apesar da ortodoxia e, mesmo, muitas vezes sendo chamado maldosamente de “policial da fé”, o brilhante teólogo sempre defendeu com palavras claras conceitos frequentemente polêmicos (...).*

É importante chamar atenção para o fato de que, na revista *Isto É*, a referência ao nome próprio Bento XVI por “policial da fé” é refutada pelo locutor do texto, que retira a carga semântica negativa desse lugar. Uma outra diferença fundamental aqui é que as reescrituras do nome próprio se fazem por nomes e expressões referenciais que incluem o morfema “ex” (aquilo que já não é). Ao reescrever o papa Bento XVI por *ex-decano dos cardeais, ex-guardião da fé, ex-prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e ex-professor de teologia*, o locutor-jornalista coloca automaticamente essas designações como condição passada, destituindo pelo prefixo “ex” os sentidos de decano dos cardeais, guardião da fé, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e professor de teologia. O “ex - X” coloca sempre o sujeito rememorado no passado, mas, ao mesmo tempo, mantém a condição “X”; é essa condição que identifica Bento XVI naquele acontecimento, ou seja, o *ex-decano dos cardeais, ex-guardião da fé, ex-prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e ex-professor de teologia* – é, então, o *brilhante teólogo* que foi designado *sucessor de João Paulo II* pelo conclave.

Esse processo de reescritura se insere em um jogo temporal que, ao mesmo tempo em que está no passado, mobiliza memórias de dizeres daquela condição e a transfere para o presente do acontecimento.

O movimento de dizeres e sentidos rememorados constitui outros dizeres e sentidos e faz nascer uma representação de um espaço dividido e hierarquizado de atividades profissionais, assim como na revista *Véja*, como podemos ver a seguir:

Sucessor de João Paulo II (atual papa)
(ex-) prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé
(ex-) guardião da fé
(ex-) decano dos cardeais
(ex-) professor de teologia

A relação de hierarquia é constituída pela mobilização de uma memória que representa a divisão hierarquizada de poder, trazida ao enunciado por meio da designação. Dessa forma, revela-se o caráter político da linguagem. Trata-se, nesse caso, de uma política do dizer. Logo, percebemos que o nome próprio Bento XVI é, nos textos da *Isto É*, determinado por essas designações e por uma hierarquização.

Assim, fica significado que ser (ex-) prefeito da congregação é mais importante que ser (ex-) decano ou (ex-) professor de teologia para ser o “sucessor do papa João Paulo II”, ou seja, o novo papa. Vale salientar que, embora o jogo parafrástico trabalhe no sentido de homogeneizar as designações estabelecendo pontos de aproximação entre elas, o sentido se faz como diferença.

O que fica claro, então, é que as formulações discursivas colocam o sujeito recordado no passado e, ao mesmo tempo, o identificam naquele acontecimento.

5 Considerações finais

As análises mostraram que as designações que referem o papa Bento XVI recortam um memorável. Este memorável reescreve o nome próprio no presente do acontecimento, além de identificar socialmente o sujeito.

Concluimos, assim, que designar é diferente de meramente identificar um objeto no mundo. As designações, ao funcionarem no

presente do acontecimento, recortam um memorável, mobilizando dizeres e sentidos outros e, conseqüentemente, identificam e referem uma pessoa em um determinado acontecimento, particularizando-o como sujeito. Além, disso, a significação de uma expressão referencial é construída no confronto de dizeres e sentidos diversos, ou seja, no funcionamento da língua, e é este espaço de confronto que produz a designação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, E. Os Sentidos de Cidadão no Império e na República no Brasil. In: **Língua e Cidadania: O Português no Brasil**. GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 39-46.

GUIMARÃES, E. **Os Limites do Sentido**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

NASCIMENTO, C. N. **Designação e referência: a identificação social em expressões que referem o presidente Lula**. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Recebido em 12/10/2007.

Aprovado em 30/11/2007.

SOBRE A AUTORA

Essiane Lemos Leal SENA é membro do grupo de pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia.
E-mail: essianesena@yahoo.com.br

Edvania Gomes da SILVA é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2006), Atualmente, é professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – UESB, *Campus* de Vitória da Conquista, e professora do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade da Uesb. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos (GPEL/CNPq/UESB) e do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). Autora de artigos, entre os quais, *A dêixis discursiva como elemento constituinte da semântica global. A relação entre interdiscurso e dêixis na análise de um movimento da Igreja Católica. Dêixis e intertextualidade na análise de uma revista católica. Revista todas as letras Ethos e polêmica no discurso da Renovação Carismática Católica. Estilo, Ethos e Funcionamento discursivo.* Autora de capítulos de livros, entre os quais, *Competência Discursiva e Polêmica na Constituição do Discurso Religioso; O ethos nos discursos da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática Católica.* Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso, com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso; polêmica discursiva e interdiscurso.
E-mail: edvania_g@yahoo.com.br

Maria da Conceição FONSECA-SILVA é doutora em Linguística, na área de Análise de Discurso, pela Unicamp. Realizou estágio de Pós-doutorado na Unicamp (2006/2007). Atualmente é professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista; coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Uesb. É líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Língua(gem) (CNPq/Uesb) e do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (CNPq/Uesb). É pesquisadora do Grupo Questões de Teoria e de Análise de Discurso (CNPq/Unicamp). Autora de artigos, entre os quais *Imagem e Publicidade em revistas femininas: a mulher na propaganda de lingerie; Subjetivação em Cláudia, Nova e Playboy; Polifonia, nome de autor e questão de autoria; O mesmo e o outro como espaços virtuais de leitura; Pausas em textos orais espontâneos e em textos falados; Discursividade de gênero em Cláudia: o mesmo e o outro no caso; A relação do materialismo histórico com a psicanálise e suas implicações para a AD.* Autora dos capítulos de livro *Análise de discurso e o sujeito em sua relação com o saber-poder-ética; Foucault e a arqueogenealogia do sujeito; Polifonia e questão de autoria na constituição dos sentidos; Interpretação, memória e trajetões sociais.* Co-organizadora dos livros *Em torno*

da Língua(gem): questões e análises e do livro *Mídia e rede de memória*.
Autora do livro *Questões de Linguagem: gramática, texto e discurso* e
do livro *Saber-poder-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade*.
Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise
de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas:
efeitos-sujeito e efeitos-sentido, memória discursiva, discurso
político e discurso jurídico, mídia, identidade do feminino.
E-mail: con.fonseca@gmail.com.